

A Escola de Bem Morrer do Padre Antonio Maria Bonucci (1651-1729): subsídios para a análise da fonte

João Paulo Berto¹

Resumo

O presente texto busca analisar o manual de boa morte escrito pelo padre italiano Antonio Maria Bonucci (1651-1729), tendo por premissa a importância deste na constituição de práticas e representações fúnebres no Brasil do século XVIII. Inserido na tradição de manuais jesuítas, busca-se trabalhar a fonte a partir da premissa da história da leitura, entendendo como a obra foi constituída, sua circulação e leitura entre os diferentes grupos, auxiliando na composição de liturgias em relação à morte católica.

Palavras-chave: Manual de Boa Morte; Padre Antonio Maria Bonucci (1651-1729); Práticas Fúnebres; Literatura devocional

Abstract

This text analyzes the manual of good death written by the italian father Antonio Maria Bonucci (1651-1729), having premised his importance in the constitution of funeral practices and representations in Brazil of the 18th century. Inserted in the tradition of jesuits manuals, this article tries to work the source from the premise of the history of lecture, understanding how the work was created, its movement and reading between the differents groups, aiding in the composition of liturgies in relation to catholic death.

Keywords: Manual of Good Death; Father Antonio Maria Bonucci (1651-1729); Funeral practices; Devotional literature.

Introdução

Durante os séculos XV, XVI (com a promulgação do Ritual Romano do Papa Paulo V), XVII e XVIII, o tema da morte foi incentivado e apoiado tanto pelo

¹ Bacharel e Licenciado em História pelo IFCH/UNICAMP (2010), com Ênfase em Patrimônio Cultural. Mestrando em História Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em História do IFCH/UNICAMP e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), sob orientação da Profa. Dra. Eliane Moura da Silva. Email joaopberto@yahoo.com.br.

ambiente cultural, quanto pelo religioso, através de ações como liturgias, ritos, pregações, pinturas, arquiteturas, literatura, doutrinas e catecismos, festas, veneração de imagens e construção de campos santos. Entre os diversos preceitos litúrgicos estava a constituição de um aparato pautado na letra e na imagem que disciplinasse moralmente os cristãos, caracterizados pelos numerosos manuais das práticas derradeiras, tendo início com as medievais *Ars moriendi*. Vinda desde o fim da Idade Média, a constituição de uma literatura devocional e de piedade sobre as práticas fúnebres refletiu a inquietação do indivíduo em viver conscientemente a própria morte, além de colocar em cena uma visão da morte cristã em conjunto, sobretudo em seus aspectos iconográficos e éticos.

Esta interferiu diretamente no modo com que o fiel se relacionava com a morte, uma vez que foi capaz de normatizar e uniformizar uma série de atos dispersos dentro do catolicismo.

Mesmo existindo documentos do magistério da Igreja que versassem sobre estes pontos, dificilmente conseguiam chegar à compreensão de todos os cristãos de forma clara. Portanto, por seu teor altamente moralizante e sensibilizador, os manuais de bem morrer são parte fundamental do *corpus* documental necessário à investigação sobre as representações da morte por estarem perfeitamente inseridos no discurso tanatológico, soteriológico e religioso difundido pela Igreja desde o século XV. A produção destes manuais espalhou-se por toda a Europa, atingindo as colônias, como foi o caso brasileiro. Como assinala Araújo ao explorar o caso português, mas que se aplica bem ao Brasil,

Perante uma população escassamente alfabetizada, a palavra, a imagem e o gesto preenchem, com vantagem, o campo da enunciação da crença, delimitando maneiras de sentir e toda uma série de práticas rituais ligadas à religião. Sem desprezar o papel imprescindível desempenhado pela cultura oral, é forçoso admitir que o domínio da cultural escrita não precisa de ser extensivo para que produzam alterações significativas de comportamentos e valores numa determinada sociedade, pois basta que uma pequena percentagem da população seja alfabetizada para que tal aconteça (ARAÚJO: 1997, 177).

A Igreja, ao se colocar como a fiel depositária de uma teoria coerente sobre a salvação, hegemonizou o discurso sobre a morte e interpelou os crentes no

quotidiano, através da palavra e da imagem a partir de uma pedagogia dos últimos fins do homem².

Por meio de uma série de pequenos livros de grande circulação, criou-se uma cadeia de transmissão que inculcava práticas relacionadas ao que o meio eclesiástico chamou de “boa morte”. Esta, segundo Araújo, assentava-se em simples mecanismos de memorização baseados na palavra instrutiva, dados nos livros na forma de passo a passo e com uma linguagem clara e sem rebuscamentos, a fim de que qualquer cristão fosse capaz de praticá-los. Por meio deste segmento, a Igreja encontrou um instrumento eficaz de manutenção de suas rubricas e, ao mesmo tempo, de controle de seus adeptos, uma vez que se pregava que eram terríveis as tribulações sofridas na outra vida para os que não praticassem aqueles ensinamentos, gestos, orações e preces que, por si só, criaram uma verdadeira liturgia da boa morte e do bem morrer.

A tradição jesuíta: a escola do Padre Bonucci

Dentro desta tradição está o manual de boa morte escrito pelo padre jesuíta italiano Antonio Maria Bonucci (1651-1729), o qual, por sua vez, deve ser pensado dentro da tradição da Companhia de Jesus de constituição de escolas e ações de catequese. A partir da contrarreforma, diversas missões religiosas se fizeram presentes no mundo iberoamericano, entre elas os jesuítas (COSTIGAN: 2005,9. Assim, utilizando-se de vários gêneros, como o poema didático, a carta, o diálogo, o sermão, o catecismo, o livro de doutrina e os manuais, os padres e missionários europeus esforçaram-se em sistematizar um modelo de fé e prática católica entre os povos, acomodando interesses da própria instituição religiosa, do Estado português e dos colonos.

No caso específico dos jesuítas, os manuais tornaram-se um instrumento eficaz na prática de constituição de uma “política católica” de formação de seus fiéis. Os manuais inacianos inovaram na forma, na estratégia e no método, apresentando uma singular organização estrutural e pragmatismo, além de dedicarem atenção aos excluídos, aos mais pobres e desfavorecidos. É nesta concepção que se pode

² Deve-se ponderar que a Igreja sempre se colocou como uma instituição imaculada, sem erros e sem a possibilidade de levar alguém a eles. Como apontado nos catecismos, ela não poderia errar (...) porque é governada pelo Espírito Santo, o qual lhe inspira no interior o que há de fazer. (BETENDORF: 1800, 56)

analisar o manual de Maria Bonucci. Intitulado *Escola de Bem Morrer. Aberta a todos os Christãos, e particularmente os da Bahia nos exercicios de piedade, que se praticão nas tardes de todos os Domingos pelos Irmãos da Confraria da Boa Morte, instituída com autoridade apostolica na Igreja do Collegio da Companhia de JESU*, em um total de 215 páginas, teve duas edições, uma em 1695 e outra de 1701, a primeira publicada na oficina de Pedro Galvão e a segunda na de Miguel Deslandes, ambas em Lisboa.

O estudo de uma obra, segundo Roger Chartier, devia ser feito a partir da análise da produção, da transmissão e da apropriação dos textos, devendo-se também compreender a leitura como um processo dinâmico que não necessariamente é feita tendo o livro como elemento único. No caso da *Escola do Bem Morrer*, os métodos e preceitos divulgados no texto, a história e inserção do autor que a produziu e a preocupação da Igreja Católica, em especial dos jesuítas, em difundir uma pedagogia em torno da morte que amparasse o discurso pós-tridentino de legitimação de sua importância como detentora do poder sobre os fins dos homens ajudam a elaborar uma possível biografia da obra de Bonucci.

Antonio Maria Bonucci nasceu em Arezzo no ano de 1651 e faleceu em Roma em 1729. Sua profissão na Companhia de Jesus deu-se em Roma no dia 13 de abril de 1671, estudando direito canônico e civil e filosofia durante cinco anos. Foi ordenado sacerdote em 1680, partindo em missão para o Brasil no ano seguinte, em uma expedição liderada pelo padre Antonio Vieira (1608-1697). Chegando, primeiramente, na Bahia, em 1681, foi destinado para lecionar humanidades no colégio de Olinda, onde permaneceu pouco tempo e se transferiu para o Recife, onde fundou a Congregação Mariana, em 1683, e, mais tarde, como forma de difusão da instituição jesuítica, o Exercício da Boa Morte.

O referido exercício devocional teria sido criado como imitação do modelo existente em Roma e em muitas cortes e cidades da Itália, fundado em meados do século XVII, na igreja jesuíta de Jesus, com o nome de *Congregazione del Nostro Signore Gesui Cristo moribondo sopra la Croce e della Santissima Vergine Maria sua Madre Addolorata, detta della Buona Morte*. Como aponta Irvin Laving, *the congregation was founded in 1648 by Vincenzo Caraffa, who was then praepositus generalis of the Society of Jesus, of which the principal activity was regular Friday devotions to the Crucified Christ and His wounds, to the Sorrows of the Virgin, and to*

the Eucharist (LAVING: 1972). Esta chegou em Lisboa e se estabeleceu no real Colégio de Santo Antão e, algum tempo depois, migrou para a igreja de São Roque, devido a sua centralidade e maior concurso de pessoas. Devido ao sucesso da devoção, esta foi sendo difundida pelos jesuítas para as inúmeras regiões do globo onde tinham missões, como o caso do Brasil.

Entremeado por esta pia devoção, Bonucci foi o responsável pela sua fundação, oficialização e sistematização no Recife. Para tanto, escreveu a sua *Escola do Bem Morrer*, com o objetivo de servir como manual para aqueles que a praticavam, sendo a primeira edição de 1695. Recebeu seus últimos votos no Recife, em dois de fevereiro de 1686, sendo transferido para o colégio da Bahia cerca de dez anos depois. Ali secretariou o padre Antonio Vieira, auxiliando-o na redação de algumas obras e na recolha e ordenação da sua correspondência, sobretudo após a morte de Vieira, em 1697.

Na Bahia, Bonucci assumiu a Confraria e o Exercício da Boa Morte³, este fundado na igreja do Colégio da Bahia pelos jesuítas por volta do ano de 1682⁴. Com as medidas que buscavam a diminuição da ascendência dos jesuítas estrangeiros no Brasil, sobretudo italianos, Bonucci foi enviado para a aldeia de Natuba, em 1699. A obra do jesuíta é extensa, publicada em português, latim e italiano em oficinas tipográficas de Lisboa. Retornou à Roma no ano de 1703, devido a problemas de saúde, continuando com forte ligação com o governo português, o que se atesta pelo pedido da elaboração do elogio fúnebre quando da morte de D. Pedro II, publicada em 1707 em Roma e Lisboa. Bonucci passou o final de sua vida entre Roma e a Toscana, falecendo em 29 de março de 1728. Neste período, destacou-se como profícuo pregador e escritor e se dedicou à redação de hagiografias.

No que se refere estritamente à sua Escola na Bahia, Antonio Maria Bonucci, já na dedicatória, dirigida ao Capitão Bento Ferreira Ferraz, apresenta o objetivo da obra como proporcionar aos praticantes dos preceitos ali depositados uma *única, e verdadeira felicidade, que só consiste cabalmente em uma santa morte, e depois della na posse do ultimo, e bem aventurado fim, para que todos fomos creados*

³ A segunda edição da obra, de 1701, apresenta no título a referência ao uso da mesma pelos membros da Escola da Boa Morte baiana.

⁴ Segundo notas dispersas pelos manuais jesuítas, as escolas de bem morrer dispersas pelas igrejas dos principais colégios da companhia de Jesus na América, com a provação da Santa Sé, datam da década de 1670.

(BONUCCI: 1701). Publicada para o uso da Confraria da Boa Morte, que funcionava todas as tardes de domingo dentro do Colégio dos Jesuítas e tinha por patrono São José, Bonucci propôs um livro que constituísse *um methodo mais facil, com que se possa em suas acções agradar a Deos, desprezar a vida, e assegurar dependentemente de uma preciosa morte a coroa da imortal Bemaventurança, que esperamos no Ceo* (BONUCCI: 1701). Um aspecto interessante, o qual o insere ainda mais na tradição dos manuais jesuíticos, é que seu público alvo era geral, já que a Confraria da Boa Morte acolhia qualquer pessoa interessada, sem distinção de raça, classe ou gênero.

Para Bonucci, a morte seria o princípio de um bem ou mal que nunca teria fim, sendo que seu livro ofereceria ao leitor-praticante (não bastava apenas lê-lo, mas realizar seus exercícios) as regras para se evitar o mal eterno. Porém, adverte que em suas páginas não seriam encontradas fáceis ações, uma vez que os atos ali descritos não podiam ser realizados repetidamente, como qualquer manual. Esta unicidade decorria do fato de que só se morria uma vez: *assim como as ondas de um rio nunca tornão a voltar atrás, assim nós depois de mortos nunca tornamos a morrer* (BONUCCI: 1701). Portanto, caberia ao fiel estudá-los e praticá-los com afinco a fim de não sofrer uma danação eterna, pois *o melhor e verdadeiro aparelho para a morte é o estar já preparado na vida* (BONUCCI: 1701).

Pautado em um jogo de dualidades, bem e mal, céu e danação eterna, o livro se arrola no convencimento de seu leitor sobre a necessidade premente de se praticar os exercícios morais ali propostos. Segundo ele, *muito melhor irnos todas as tardes dos Domingos do anno á Escola ainda á vista de Christo crucificado, e morto por nós se aprende a morre, que a casa do jogo, ou do regalo, aonde se aprende a viver mal, e morrer peyor*. Apresentando os deveres e vantagens para quem se sujeitasse às determinações, o manual é dividido em duas partes: uma dedicada aos exercícios e preceitos remotos, a serem praticados durante a vida para se preparar para a morte; e os próximos, os quais dispunham o enfermo para o fim.

Conforme visto, há uma tônica específica do manual de Bonucci, o qual atrela o conceito moral de *memento mori* associado ao de *vanitas*, propondo um discurso altamente moralizante inserido na tradição das *Ars Moriendi* desde o período medieval. A morte era algo premente, devendo-se iniciar o quanto antes uma postura de desprezo do mundo e contemplação da morte como algo desejado,

inserindo-se na doutrina do *contemptus mundi*⁵, de Thomas de Kempis (1380-1471). Ela é também vista de forma individual: mesmo o estudo sendo feito em coletividade, os exercícios deviam ser realizados por cada indivíduo, uma vez que, no momento final de prestação de contas diante do *supremo Juiz dos vivos, e dos mortos, e ao Senhor do tempo, e da eternidade* (BONUCCI: 1701), a pessoa estaria só, tornando-se réu e advogado ao mesmo tempo.

Terminada a introdução, inicia-se a primeira parte do livro, destinada aos exercícios remotos, comparados por Bonucci como que a *três mysticos dias de caminho espiritual que havemos de emprender nesta vida, para chegarmos aquela ultima, e solitária hora da morte, em que todas as creaturas nos deixão, e nella fazemos um inteitro sacrificio do nosso espirito a Christo crucificado* (BONUCCI: 1701). São eles: o exercício da pureza da consciência na vida Purgativa, a partir do qual deveriam ser apartados do coração todos os pecados, responsáveis por afastar o homem de Deus; o da pureza da intenção na vida Iluminativa, cultivando o interior da alma e a enriquecendo de virtudes; e o terceiro, o da conformidade da vontade humana com a Divina na vida Unitiva, através da qual era possível se unir intimamente com Deus através de um mesmo espírito, como um verdadeiro vínculo espiritual de perfeita caridade.

Observa-se que os exercícios propostos caminham no mesmo sentido dos *Exercícios Espirituais* escritos por Inácio de Loyola (1491-1556), fundador da ordem na qual Bonucci fez seus votos. Filho da nobreza basca, Inácio de Loyola teve uma educação rígida e conservadora, tornando-se cavaleiro a serviço do duque de Nájera e vice-rei de Navarra, D. Antonio Henrique. Em uma de suas atuações militares, foi atingido por uma bala de canhão, ficando entre a vida e a morte (BORRIELO: 2003, 539). Depois disso, teria começado *a pensar mais deveras* (sic) *em sua vida passada e quanta necessidade tinha de se penitenciar dela* (LOYOLA: 1978, 22). Para tanto, adentrou no mosteiro beneditino em Monserrat, nos arredores de Barcelona, assumindo uma vida de despojamento e pobreza. Foi neste contexto que escreveu seus *Exercícios Espirituais*, como fruto de seu caminho de fé e um dos principais pilares da Companhia de Jesus, fundada por ele em 1534.

⁵ Oh felizes nós, se ouvirmos as palavras da morte, que nós hão de ser palavras de dobrada vida, de vida de graça, e de vida de gloria: de vida de graça no exercício das virtudes mais heróicas, e de vida de gloria no direito que adquirimos aquelles bens, que somente são verdadeiros, porque permanentes (...). (BONUCCI: 1701).

Os *Exercícios*, publicados em 1548, após aprovação do papa Paulo III,

Foram escritos para ajudar as pessoas que procuram e desejam, seguir a Jesus Cristo, no serviço do Reino de Deus. Nele vamos encontrar temas para a oração, que são o fio condutor de um itinerário espiritual e muitas séries de observações, novas regras que dizem respeito à mesma vida de oração e ao progresso da pessoa no conhecimento de si e na colaboração com a ação de Deus (TOLEDO: 1996, 96).

Na forma de um roteiro ou pedagogia espiritual, a obra busca oferecer instruções práticas sobre métodos de oração e exames de consciência, baseados no discernimento e na eleição (conduzir o fiel a uma decisão livre e consciente), dons divinos por excelência, servindo como base para o sistema pedagógico da Companhia de Jesus e empregado em outras temáticas (MOSTAÇO e ALMEIDA).

Os *Exercícios* dividem-se em quatro partes ou semanas, que não precisam, necessariamente, durar sete dias. De acordo com a sua forma de reflexão, dividem-se em: 1ª semana - Via purgativa, na qual se deveria considerar e contemplar os pecados cometidos, eliminando da alma as suas deformações; 2ª semana - Via iluminativa, baseada na contemplação da vida de Jesus Cristo e no convite pela opção de mudança de vida, questionando como seguir o Cristo; 3ª semana - Via unitiva, em que se contempla a paixão de Cristo, momento de fortalecer os propósitos de adesão por meio da contemplação e obediência a Cristo até sua morte na cruz. Na quarta semana, também chamada de Via unitiva, meditam-se a ressurreição e ascensão de Jesus e se introduzem regras tanto para o discernimento dos espíritos, quanto para a distribuição de esmolas e para o sentir com a Igreja, alcançando o amor puro de Deus. Assim, percebe-se que o objetivo dos *Exercícios* é preparar e dispor o fiel para tirar de si tudo aquilo que é indesejável e, depois disso, buscar e encontrar a vontade divina na disposição de sua vida para a salvação (LOYOLA: 2009, 9).

Influenciado por esta literatura espiritual, básica para o religioso jesuíta, Bonucci utiliza-se dos três passos de Loyola, tomando-os como essenciais para se alcançar uma morte santificada. Isto ocorre, uma vez que, estando o doente acamado e sabendo que se aproximava a hora derradeira, deveria ter pureza de consciência, *para que ainda que preocupado coa morte, te aches nella com refrigeria, e descanso de coração* (BONUCCI: 1701, 4), pureza de intenção e bons

pensamentos, estando em conformidade com a vontade de Deus e sempre à sua disposição.

Para o autor, o céu era um destino possível para todos, independente de estado e condição social, mas se devia viver em conformidade e observância à vontade e coração de Deus. Assim, para ser ter uma boa morte *bastava que em tudo sigamos o caminho que Deus nos mostra, e regulemos os passos do modo que o Espírito Santo nos move* (BONUCCI: 1701, 6).

Após a breve introdução, Bonucci detalha cada um dos passos em capítulos, sendo o primeiro dedicado à pureza de consciência. Baseia seu texto em passagens bíblicas e recorrentes apelos à tradição apostólica e aos padres e doutores da igreja, sejam latinos ou gregos, além de autores modernos e da tradição clássica. Mostra os ganhos em se possuir uma consciência limpa, sendo que, além de agradar o Espírito Santo, quem a possui *combatidos os trabalhos não desmaya, tentado dos demônios não se rende, motejado das línguas não se defende, impugnado dos infortúnios não se entristece* (BONUCCI: 1701, 15).

Este processo de purificação, contudo, devia ser feito de maneira rápida, já que uma boa morte dele dependeria e, como esta vinha sem aviso, o tempo era precioso. Bonucci, amparando-se na tradição do purgatório, chama a atenção para a importância deste primeiro passo, uma vez que grande seria a desgraça do indivíduo *se os dias se acabarem sem termos ainda começado esta tão necessária purificação, deforte, que depois de mortos, nos seja forçoso purificarnos sem merecimento no fogo, quando mais facilmente, e com esperança de premio, podíamos sendo vivos purificarnos na alma* (BONUCCI: 1701, 17).

Para a realização da purificação, dois elementos eram importantes: que o fiel se purgasse e se lavasse de seus pecados com fé e que ele parasse de pecar de uma vez. Como instrumento eficaz, o padre jesuíta apontou a importância do Ato de Contrição diário, o arrependimento verdadeiro e a promessa de não mais ofender a Deus (no Concílio de Trento foi chamada de *Animi dolor*, dor da alma), e do sacramento da Confissão, mostrando que Deus seria bondoso e compassivo frente à dor verdadeira e à fraqueza de um filho seu. Por mais árduo que fosse o processo, o pecado devia ser lembrado diariamente, mantendo viva a sua memória. Porém, a Confissão não poderia ser deixada para a última hora, já que *a penitencia, e contrição, que se dilata só para a hora da enfermidade, e ponto da morte, he*

também Ella enferma, e moribunda (BONUCCI: 1701, 21), além de que, para ser válida, pressuporia *o firme propósito de não peccar mais* (BONUCCI: 1701, 25), campo onde o demônio atuaria com grande astúcia.

Outro importante instrumento para a verdadeira contrição era o exame de consciência. Contudo, para que este exame fosse forma de salvação da alma, era necessário conceber (...) *um alto temor dos juízos Divinos (...) Este temor é o fiscal mais severo, que esquadrinha os cantos mais profundos do nosso coração* (BONUCCI: 1701, 33). Por meio desta limpeza espiritual, o fiel poderia novamente restabelecer o estado de amizade e agrado para com Deus, a exemplo da passagem neotestamentária do Filho Pródigo. Ao conquistar a consciência pura e uma vida inocente, por sua vez, o indivíduo devia perseverar para mantê-la imaculada através da oração, da frequência aos Sacramentos e da lição espiritual e meditação dos Novíssimos.

A oração era apontada como um escudo eficaz para se armar contra as tentações. Por ela se alcançariam as graças e auxílios, o divino socorro; o valor e alento de Deus frente às dificuldades e contradições da vida terrena, bem como uma barreira contra a força do demônio, a malícia dos homens e a rebelião das paixões. Citando o evangelho de Lucas⁶, Bonucci chama a atenção para a importância da oração constante, em todos os momentos do dia para a incerta hora da morte. Chamando-a de arte das artes, indica a leitura de livros que ensinariam métodos de falar com Deus, como as obras de *Santa Madre Theresa de Jesu, de S. Francisco de Sales, do Veneravel Padre Frey Luis de Granada, do Padre Luis da Ponte, do Padre Alonso Rodriguez, e de outros muitos, que neste nosso século escreverão* (BONUCCI: 1701, 44).

A frequência aos Sacramentos, em especial ao da Eucaristia, era outro elemento que preservaria a consciência e a alma do homem de novas culpas, depois de purgada pelo sacramento da Confissão. A Eucaristia seria como um fruto da árvore da vida plantada no paraíso da Igreja militante, o qual sustentaria uma vida de graça para as almas. *Por tanto, não terão desculpa na hora da morte os Christãos, quando o Senhor lhes fizer cargo de que cahirão em muitas offensas contra sua santa Ley, porque commungarão raras vezes* (BONUCCI: 1701, 47).

⁶ Lucas 21, 36: Fiquem atentos, e rezem todo o tempo, a fim de terem força para escapar de tudo o que deve acontecer, e para ficarem de pé diante do Filho do Homem.

Porém, do mesmo modo que a comunhão representava a salvação da alma, poderia também significar a sua danação caso a estivesse recebendo de modo sacrílego, por isso a importância da preparação e pureza de espírito e consciência.

No que tangia às lições espirituais, geralmente obtidas pela leitura dos modelos pios dados pelas hagiografias e obras sacras, Bonucci aponta que as mesmas serviam para livrar as almas dos pecados que as maculavam, ao mesmo tempo em que o fiel repensaria a sua própria existência por meio de exemplos didáticos. Outras lições podiam ser dadas por meio da experiência dos primeiros séculos da Igreja, *em que se virão notáveis efeitos de consummada santidade, e perfeição, obrados em todo o estado, e condição de pessoas por meio da lição dos livros Canonicos da Escritura, que costumavão ler no devoto silencio* (BONUCCI: 1701, 57) e nas sagradas escrituras.

Outros livros de cunho espiritual importantes eram os que tratavam da gravidade do pecado, em especial das últimas coisas que haviam de acontecer ao homem, isto é, a Morte, o Juízo, o Inferno e a Eternidade, chamados de Novíssimos do Homem. Para o jesuíta, devia-se lembrar não só do primeiro Novíssimo, que era a morte, mas de todos, *porque o pensamento da morte então será proveitoso, quando com se acompanhe a lembrança do Juizo, que se segue depois da morte, e atrás do Juizo a consideração daquela sentença tam formidável, que se dará, ou de eterna pena, ou de eterno premio* (BONUCCI: 1701, 61). Estes permitiriam que o homem fosse purgado de tudo o que poderia levar a moléstias e turbção na morte, de modo individual, já que *cada um de nós he que há de morrer; cada um de nós he que há de ser julgado; cada um de nós he que há de deter, ou sentença de condemnado para o inferno, se morrer em peccado; ou sentença de escolhido para o Paraíso, se morrer em graça* (BONUCCI: 1701, 61).

O terceiro capítulo da primeira parte aborda, após a Via Purgativa, a necessidade de se subir *pelos degraos da vida Illuminativa a uma singular pureza de intenção em todas as acções* (BONUCCI: 1701, 65). O momento da morte, com pouca ou avançada idade, não importaria caso o fiel tivesse o cuidado de retificar sempre os motivos de suas obras com reta e pura intenção, dedicando-as a maior glória, honra e louvor a Deus como seu último fim.

Não importaria, para Bonucci, se as obras executadas fossem estimuladas ou pelo temor da justiça divina e ajudadas pela lembrança da morte ou do juízo final ou

pelo premio da glória celeste, já que ambos os motivos, de temor e esperança, eram dignos de louvor. *Porém se temos brios dignos de hum peito generoso, e Christão, havemos de passar adiante, e levantar o nosso coração a mais altos pensamentos, e intenções* (BONUCCI: 1701, 70-71), ou seja, executar as obras sem esperar nada em troca, de modo gratuito para o agrado de Deus.

O quarto capítulo centra-se no terceiro exercício da preparação remota para uma boa morte. Em linhas gerais, aponta que *a perfeita conformidade com o Divino beneplácito he hum dos mais efficazes exercícios, que nos dispõem para alcançarmos do Ceo uma boa, e venturosa morte* (BONUCCI: 1701, 77), mostrando o método mais fácil e aprovado pelos Santos Padres, chamado de Via Unitiva. Segundo o autor, *todo o Christão, que vive intimamente transformado por via de amor na vontade de seu Deos, está tam disposto, e tam fortalecido contra os assaltos da morte, que não só foge dela, mas lhe sahe ao encontro, como desafiando-a para a peleja* (BONUCCI: 1701, 78). De fato, não haveria motivo para o homem recear a morte caso tivesse se ocupado das virtudes conforme a vontade divina durante sua vida. A estes justos, afirma que *promette o Espirito Santo, que não serão tocados do tormento da morte (...) uma vez que estão nas mãos de Deos, promptos senpre, e ligeiros em cumprir o que for servido fazer delles, e por elles* (BONUCCI: 1701, 80).

O que tornaria a morte algo terrível, causando medo e pavor, seria o desconhecimento do quando, como e do lugar onde se há de morrer. Porém, caso o cristão estivesse firme no propósito de querer apenas o que Deus quer, *haverá tal troca, e tal commercio entre a vontade Divina, e a nossa, (...), e poderemos morrer quando, como, e aonde quisermos* (BONUCCI: 1701, 80), isto é, como aceitamos e temos por nossa a vontade divina, independeria qualquer fator de lugar, data ou maneira da morte.

Em linhas gerais, os exercícios remotos propostos por Bonucci buscavam: a) purgar a alma/consciência de todo o pecado, tornando-as puras; b) retificar de modo diligente as suas intenções; c) despi-las de sua vontade própria em favor de uma pura conformidade e resignação com o beneplácito divino, não somente acerca das coisas indiferentes, mas ainda das espirituais, transformando-as e as reduzindo a uma perfeita aniquilação mística de tudo o que não é de Deus.

Na segunda parte da *Escola do Bem Morrer*, o jesuíta trata dos exercícios próximos para uma boa morte. Utilizando-se de figuras de linguagem, compara o cristão a um navegante que pretende entrar com sucesso no porto. Este dirige seu navio com destreza e atenção no alto mar, mas ainda com mais arte e vigilância quando está próximo de lançar âncora (BONUCCI: 1701, 99-100). Assim, não bastavam os exercícios remotos para alcançar uma morte santa, sem os quais não se poderia coroar o fim da vida com a graça da perseverança final, mas a atenção devia se redobrar ao se aproximar dela.

No primeiro capítulo, expõe a necessidade de renovação e reflexão interior como o exercício primaz para a morte. Reitera que apenas um dia do ano dedicado a ouvir a voz de Deus não faria diferença frente à eternidade que uma alma poderia padecer no fogo do inferno ou do purgatório. Através de exemplos bíblicos, exorta o cristão a meditar sobre seus pecados neste dia de silêncio, crente na possibilidade de poder colher os louros da vitória oportunamente. Para tanto, era necessário realizar um diligente exame de consciência, sobretudo após a adesão à Escola de Bem Morrer, promovendo um exercício de autoconhecimento, conhecendo as fraquezas e seus respectivos remédios. Após isto, a Confissão geral era necessária e constante, a fim de não se demorar no pecado, pois *na hora da morte poderá ajustar contas, e [querer] fazer em poucos instantes o que não quiz fazer em muitos meses* (BONUCCI: 1701, 110).

Para Bonucci, um ledor engano era deixar a confissão apenas para a hora da morte, vista como uma entidade traidora que, com um golpe, vencida o homem sem que ele pudesse se defender e cuidar da alma. De igual maneira, se o exame de consciência era algo custoso para um homem sadio, *como o poderia fazer na morte entre dores, e desmaios, e com o entendimento perturbado?* (BONUCCI: 1701, 111). A confissão em si ajudava a aliviar a alma, mas por si só não bastava nos momentos derradeiros, ao passo em que os maus hábitos continuariam presentes, ponto onde o diabo provocaria a sua tentação. Outro instrumento válido para o apagamento dos pecados que somente muitos anos de Purgatório dariam conta, seria conseguir as indulgências dadas pelas bulas papais, como a Bula da Santa Cruzada.

O segundo capítulo é dedicado aos exercícios mensais de preparação para a morte. Como deixa claro Bonucci ao longo de todo o manual, a hora da morte, por ser incerta, deveria ser vigiada. Mensalmente,

(...) em um dia pois delle, em que caya, ou o Domingo, ou alguma das festas de Christo, ou da Senhora, ou dos Apostolos, despedindonos de toda a occupação terrena, dedicaremos algumas horas da manhã, e outras da tarde aos exercicios espeirituaes, e particularmente aquelles que desejamos fazer no extremo da vida (...). Nelle, além da Confissão que faremos como quem se confessa para morrer, do modo acima dito, trataremos de ter uma hora de attenta meditação; e depois de termos commungado por Viático, espiritualmente faremos o nosso testamento, visitaremos o Santissimo Sacramento, e receberemos a santa Unção também espiritualmente, como dizem, e fazem os Mysticos, como se estivéssemos em próximo perigo de vida; concluindo o exercicio com uma devota recomendação da nossa alma, como se faz aos moribundos, quando se lhes reza o Officio da Agonia (BONUCCI: 1701,117).

O testamento, por sua vez, imitava o que seria feito em vida, como um ensaio para a morte. Para tanto, Bonucci cita algumas fórmulas testamentárias, estando em todas a submissão explícita do cristão ao julgo divino e sua posição como infeliz pecador. No modelo deixado pelo Padre João Lanspergiuo, por exemplo, traduzido do latim para o português por Bonucci, a referência era clara: iniciava-se com a invocação à Trindade e identificação do fiel como *infeliz peccador, remido com o preciosissimo Sangue de nosso Senhor Jesu Christo, não por meus merecimentos, senão por seu infinito amor*. Após, caso fosse usado como modelo para a escrita (já que podia servir como fórmula oral), o indivíduo devia tornar pública diante da corte celeste e dos vivos sua opção por *morrer como filho verdadeiramente obediente à Santa Madre Igreja Catholica, como covem que o seja todo o Christão*. Ao final, invoca novamente a corte celeste pedindo o auxílio na hora derradeira e a remissão dos pecados.

As visitas ao Santíssimo Sacramento eram importantes, devendo comparecer, em um dado dia do mês (...) *ao menos sete vezes, como despedindonos delle com sete actos de differentes virtudes, e todas heróicas: e se não puder ser com a pessoa, ao menos seja com o pensamento* (BONUCCI: 1701, 125). Segundo o autor, *a praxe deste exercicio usado em cada mez nos encherá a alma de mil bens* (BONUCCI: 1701, 142), em especial dois: caso não houvesse tempo de exercitar estes atos na hora da morte, o Senhor os aceitaria como se fossem feitos naquela hora; havendo tempo, o fiel os acharia muito mais fáceis, devido ao hábito criado.

Como terceira preparação próxima para a morte, aponta os exercicios diários. Devia-se estar claro que a obra de Bonucci, dedicada aos irmãos da Confraria da Boa Morte da Bahia, propunha meios para impetrar de Deus uma santa e feliz morte. Nas reuniões dominicais de culto e estudo dos exercicios, os confrades se muniam

de três objetos: o Sacramento da Eucaristia, o Cristo crucificado e Maria Santíssima transpassada pela espada de dor ao pé da Cruz. Para Bonucci, não poderia (...) *haver mais poderosa magia para com ella santamente encantar, e suspender as angustia, e tentações todas que podem concorrer na nossa morte, como he este santo Ternario de objetos acima referidos* (BONUCCI: 1701, 144). Vistos como um escudo, quem buscasse uma boa morte devia armar sua memória com estas imagens, formando um escudo de triplicada fortaleza contra o inimigo. A Eucaristia era vista como o viático (...) *mais próprio, e mais accomodado para a jornada, que havemos de fazer passando das lagrimas de Peregrinos aos gozos de Cidadãos, já que ela contém em si o caminho, a verdade, e a vida, e he juntamente manjar, e carro dos que sobem ao Paraiso* (BONUCCI: 1701, 146).

O crucifixo tornava-se uma verdadeira escola, devendo os alunos contemplar com fervor suas chagas ensanguentadas. Isto para que *o pensamento, e lembrança de Christo crucificado há de ser viva; porque para tirarmos della aquelle vigor, alento, e virtude que nos defenda das tentações, e outros perigos da alma no tempo da vida, e da morte* (BONUCCI: 1701, 149). Maria, a mãe de Jesus, era também lembrada, sobretudo pelos títulos de Redentora e Mãe dos Pecadores, arrependidos e emendados. A presença de Maria na hora da morte era importante, aliviando o pecador das angustias e tentações da hora da agonia e recebendo o espírito em suas mãos, apresentando-o (...) *unido com o Espírito do Filho ao throno da Santissima, e adorável Trindade* (BONUCCI: 1701, 154).

O quarto capítulo destina-se às preparações a serem realizadas em meia hora de cada dia. Inicia-o tratando do último momento, ideia inserida no discurso pedagógico do medo criado pela Igreja. Segundo Bonucci, este momento era o

(...) ponto definitivo, ou de uma vida, ou de uma morte eterna; ponto, que descobre todo o mal que fiz contra Deos, e todo o bem que recebi do mesmo Deos; ponto, que não admite escuta, ou appellação, que não respeita intercessoens, ou supplicas, que exclue falsidades, e sobornos; ponto reservado só para os actos de justiça, sem se dar nelle entrada à misericórdia; ponto terrível, em que o erra he inemendavel, o damno irremediável, o defeito incorregivel, e a queda irreparável (...) Ponto, em que cahindo o peccador (como avisa S. Agostinho) no poço do inferno, lá ficará para sempre, porque quanto he fácil o descer nelle, outro tanto he impossível o sahir delle, pois de cima será fechado, aberto debaixo, dilatado no fundo. Alli metido o Prescito será ignorado de Deos por toda a eternidade, porque não quiz conhecer a Deos no breve tempo desta vida mortal:

allí morrerá para a vida que he verdadeira vida, e vivirá para a morte que he verdadeira morte (BONUCCI: 1701, 156-157).

Este discurso mostra o quanto os passos do livro eram importantes frente a toda tribulação e sofrimento que o indivíduo sofreria na vida futura.

Por isso, a dedicação de meia hora aos exercícios propostos era infinitamente pequena em relação às perseguições, tormentas, tentações e desesperos, seja no inferno ou no purgatório. *Pois para evitarmos hum mal tam incurável, e o erro de hum ponto que não dá lugar á emenda, persuada-se (...) que qualquer dia está arriscado a ser o ultimo de sua vida (...) por isso, em qualquer dia será opportuno algum particular exercicio, e aparelho para a morte* (BONUCCI: 1701, 160).

Ao final de sua obra, apresenta um longo texto, em português, com algumas partes em latim, a ser realizado todas as manhãs, mostrando, mais uma vez, a subserviência à vontade de Deus e tomando cada dia como se fosse o último da vida do cristão. Juntamente, dispõem todas as orações realizadas nas tardes de domingo na igreja da Companhia de Jesus, como Grãos da Paixão do Senhor, Colóquios às Chagas de Jesus (um para cada chaga), Oração de São Francisco Xavier às cinco Chagas de Cristo, Pranto da Sereníssima Virgem a Coros (Stabat Mater), Antífona do Santíssimo Sacramento, bem como as regras dos irmãos da Confraria da Boa Morte e as indulgências concedidas pelos Sumos Pontífices aos confrades.

Considerações Finais

É inegável que os manuais de boa morte e bem morrer tiveram importância na constituição de um aparato litúrgico de ritos fúnebres que se espalhavam por toda a vida, uma vez que os textos fundamentavam-se na ideia de que a preparação para a morte era uma atitude cotidiana. Assim, o ato de acender uma vela, segurar um crucifixo, realizar orações e preces de encomendação do corpo, receber o Viático, assemelham-se aos ritos de visita ao Santíssimo Sacramento, às preces matutinas e noturnas, às novenas, procissões, à Confissão. Não se quer dizer que tudo é liturgia da boa morte, mas se feito pelo fiel com esta intenção, assume um novo significado culturalmente atribuído e que não precisa, necessariamente, ser disseminado por meio do ato da leitura *stricto sensu*. Assume-se que os manuais difundiam práticas e rubricas que vão influenciar diretamente os grupos de determinado contexto, criando hábitos e práticas culturais.

Tais considerações, sobretudo nos arrolamentos estabelecidos entre os leitores, passivos ou ativos, e os textos lidos, mostram a importância de uma abordagem cultural dos objetos de estudo. Dentro das rubricas litúrgicas que diziam respeito à morte⁷, difundidas nos manuais, há processos mais dinâmicos que apenas aqueles que se referem a reconstituir quantidades de exemplares publicados ou se determinado manual estava ou não naquela biblioteca pública ou particular (sendo que, de modo constante, dificilmente lemos tudo o que temos). Como defende Chartier, os processos pelos quais os leitores, os espectadores (como os que assistem às pregações) e os ouvintes dão sentido aos textos de que se apropriam e incorporam, mostram que a leitura é um fenômeno muito mais amplo, capaz de transformar o texto em algo que dava sentido à sua relação com o mundo (CHARTIER: 2006, 35).

Bibliografia

- ARAÚJO, Ana Cristina. *A Morte em Lisboa: atitudes e representações (1700-1830)*. Lisboa: Notícias editorial, 1997.
- AVRIL, Joseph. "A Pastoral dos doentes e dos moribundos nos séculos XII e XIII" in BRAET, Herman e VERBEKE, Werner (eds.) *A Morte na Idade Média*. São Paulo: Edusp, 1996.
- BETENDORF, João Felipe, S.J. *Compendio da Doutrina Christãa na lingua portugueza e brasílica composto pelo p. João Filippe Betendorf antigo missionário do Brasil, e reimpresso de ordem de S. Alteza Real o Príncipe Regente Nosso Senhor por Frei José Mariano da Conceição Velozzo*. Lisboa: Offic. de Simão Thaddeo Ferreira, 1800.
- BONUCCI, Antonio Maria, Pe. *Escola de Bem Morrer. Aberta a todos os Chriftãos, & particularmente os da Bahia nos exercicios de piedade, que fe praticão nas tardes de todos os Domingos pelos Irmãos da Confraria da Boa Morte, infstituida com authoridade apoftolica na Igreja do Collegio da Companhia de JESU*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1701.

⁷ Entre as principais no campo dos atos litúrgicos e sacramentais que acompanhavam os cristãos até seus últimos fins sobre a terra, podem-se apontar as visitas dos padres, a reconciliação e absolvição dos pecados, a comunhão ao longo da vida e, em especial, no momento de agonia, o viático e a unção dos enfermos. Além delas, está a execução testamentária e as cerimônias que se seguem ao óbito. (AVRIL: 1996, 89).

- BORRIELO, L. et all. *Dicionário de Mística*. São Paulo: Paulus, Loyola, 2003.
- CHARTIER, Roger. A “Nova” História Cultural existe?” *in* LOPES, VELLOSO e PESAVENTO (org.). *História e linguagens: texto, imagem, oralidade e representações*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006.
- COSTIGAN, Lúcia Helena (org). *Diálogos da Conversão: missionários, índios, negros e judeus no contexto ibero-americano do período barroco*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- LAVING, Irving. “Benini’s Death”. *The Art Bulletin*, Vol. 54, No. 2 (Jun., 1972). pp. 158-186.
- LOYOLA, Inácio de. *Autobiografia de Inácio de Loyola*. Tradução e notas de Pe. Armando Cardoso, SJ. São Paulo: Loyola, 1978.
- LOYOLA, Inácio de. *Exercícios Espirituais*. Tradução de R. Paiva, SJ. 4ª edição. São Paulo: Loyola, 2009.
- MOSTAÇO, Edélcio e ALMEIDA, Camila A. M. “Uma leitura dos “Exercícios Espirituais””. Disponível em http://www.udesc.br/arquivos/portal_antigo/XVII%20seminario/ceart.htm#ftn39, acesso em 20 de janeiro de 2013.
- TOLEDO, Cézar de Alencar Arnaut de. *Instituição da subjetividade moderna: a contribuição de Inácio de Loyola e Martinho Lutero*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 1996.